

Ilha Sacalina

Presença Soviética no Extremo Oriente

Texto de CÁSSIO BARSANTE • Fotos de JACEK PALKIEWICZ — GAMMA



Sobre a linha do paralelo 50 — zona de numerosos litígios entre russos e japoneses — foi construído um monumento (foto maior). Com uma área de 74 mil quilômetros quadrados — maior que uma vez e meia o Estado do Rio de Janeiro —, Sacalina é um ponto de encontro entre a Europa e a Ásia em pleno Pacífico.



Cartografia Lúcio Bráido



PERDIDA nos confins do império soviético, mas distante apenas 40 quilômetros do Japão — do qual está separada pelo estreito de La Pérouse —, a ilha Sacalina, assim como as demais do vizinho arquipélago das Curilas, sempre foi motivo de litígio entre russos e japoneses, uns e outros alternando ali a sua dominação ao longo dos séculos.

No mês de abril passado, o presidente da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, Mikhail Gorbachev, à qual pertencem as ilhas Etorofu, Kunashiri e Shikotan, mais o grupo de ilhotas Habonai — todas do arquipélago das Curilas —, além de Sacalina, aterrissou em Tóquio para uma rodada de encontros de cúpula com o Primeiro-Ministro Toshiki Kaifu. Foi a primeira vez que um chefe-de-estado soviético (e, há exatamente um século, um mandatário russo) visitou o Japão. Gorbachev voltou assim a investir pesado em sua política externa na



Ao longo dos séculos, Rússia e Japão alternaram o poder sobre Sacalina. Na foto maior, campo de pioneiros — os escoteiros soviéticos — na localidade de Listvenitchnoje. Embaixo, mulher Oroki, descendente dos primeiros habitantes da ilha. Ao pé da página, casamento na colônia coreana em Yuzno Sakhalinsk, cidade que sonha ser a nova capital e uma zona franca.



tentativa de captar ienes para a combalida economia soviética. Devido às disputas territoriais que ainda envolvem os dois países, até hoje não foi formalizado entre eles um tratado de paz pós-Segunda Guerra Mundial, um dos assuntos em pauta na recente visita.

Para apalinar estas divergências e estreitar os laços políticos e econômicos, os analistas acenam com algumas hipóteses: a União Soviética pode devolver as Curilas em etapas — duas ilhas com relativa rapidez, em troca de um tratado de paz que ponha fim formalmente às hostilidades da Segunda Guerra entre os dois países, e as outras duas

mais tarde, quando os japoneses acabassem de pagar o preço estimado em 28 bilhões de dólares. Para se ter uma idéia de cifras, a Coreia do Sul pagou 3 bilhões de dólares pelo reconhecimento diplomático de Moscou, e a Alemanha está desembolsando o equivalente a 20 bilhões de dólares na reintegração da ex-Alemanha Oriental.

Mas Moscou ainda não admite discutir a soberania da ilha Sacalina, a mais rica e importante das áreas em questão. Também conhecida como Sagalien e Sagalin, chamada pelos japoneses de Carafuto e perdida para a URSS em 1946, após a vitória aliada na Segunda Guerra Mundial, ela se incluiu

no espólio das Curilas meridionais, agora reivindicadas pelo Japão.

Por volta do ano de 1300, Sacalina era uma colônia chinesa. *Descoberta* em 1640 pelo cossaco Ivã Moskvitin, e depois, em 1643, pelo holandês Martin de Wries, desde o fim do século XVIII ela passou a ser motivo de divergências entre russos e japoneses. Pelo Tratado de Shimada, de 1855, Sacalina foi dividida em duas. Vinte anos depois, o Japão cedeu sua zona de influência para a Rússia em troca das ilhas Curilas. Já neste século, em 1905, após a batalha naval de Zushima, o Japão reocupou o sul da ilha, abaixo dos 50° de latitude norte, antes de

As águas de Sacalina estão entre as mais piscosas do mundo. Na foto maior, secagem de peixe. Embaixo, preparação do caviar rosa em Okhotskoje e curtume de peles de foca.



invadir o norte em 1917 e consolidar o seu poder total em 1925.

Mas, apesar da proximidade geográfica com a ilha de Hokkaido — a mais setentrional do Japão — e da histórica alternância de poder, os últimos 45 anos conseguiram praticamente apagar a influência nipônica, a não ser por um templo xintoísta transformado em museu, a sofisticada *villa* do governador de Okha, adaptada para servir de creche municipal, uma estrada de ferro e uma comunidade coreana — hoje bem integrada —, mas cujos primeiros membros

foram parar ali deportados para trabalhar nas minas sob o poder de Tóquio.

O simples fato de a ilha ter sido escolhida para local de degredo, não somente pelos japoneses, mas também, antes deles, pelos czares e, depois, por Lénine, deixa a sinistra impressão de ser um lugar inóspito. Submetido a um clima frio e nevoento, particularmente instável, o território de Sacalina é pontilhado de pântanos e extensas áreas de tundra ao norte, contrastando com as densas florestas ao sul, que ocupam cerca de dois terços da ilha.

Sacalina é também rica em petróleo, gás natural, numerosos minérios, carvão e madeira, e as águas circundantes estão entre as mais piscosas do mundo. Para a capital da União Soviética, a distante ilha não é apenas uma fonte de riquezas, mas representa uma importante zona estratégica aberta para o Pacífico e que abriga sete bases navais — entre elas a base de submarinos de Korsakov —, cinco bases aéreas, gigantescas estações de radar e duas divisões motorizadas (16 mil homens). Em parte isso explica por que o Estado-Maior soviético não hesitou,

em 1983, em abater um avião civil de linhas coreanas, que se desviou da rota prevista e sobrevoou Sacalina a alta altitude. Um certo míssil, lançado por um avião da base de Bykov, explodiu o Boeing 747 e causou a morte de 265 inocentes passageiros. A pequena ilha, já estigmatizada pelo grande número de deportados que ali morreram no curso da história, teve aumentada ainda mais a fama de lugar maldito. O que, entretanto, não impede de as traineiras japonesas violarem regularmente suas águas territoriais para explorar a pesca proibida. Quando

são interceptadas, a multa é alta: 10 mil dólares. O porto de Kholmsk está sempre repleto de barcos japoneses apreendidos. Mas, naturalmente, *esta entrada de divisas* não é suficiente para melhorar o padrão de vida dos habitantes da ilha, empobrecida com a debilidade da economia soviética.

O populista Bóris Yeltsin, que em 1988 foi derrubado do posto de chefe do Partido Comunista e atualmente preside o Parlamento da URSS — e é o principal opositor do governo de Mikhail Gorbachev —, fez questão recentemente de visitar Sacalina, e não hesi-

to em afirmar que apenas 500 dias seriam suficientes para restabelecer a precária economia dessa região esquecida por Moscou. Yeltsin lançou ali algumas idéias e alimentou os sonhos dos habitantes da ilha: transformá-la numa zona franca e transferir a capital para Yuzno Sakhalinsk — uma pequena Hong Kong rodeada por brumas —, permitindo assim a entrada de uma chuva de dólares e ienes, aproveitando melhor os seus recursos humanos e naturais e, quem sabe, num futuro próximo, tornar a *ilha maldita* uma verdadeira *ilha do tesouro*. □

Na plataforma petrolífera de Okha, construída pelos finlandeses e mantida pelos norte-americanos, os empregados soviéticos ganham em dólares (fotos maior e embaixo). Ao lado, uma fábrica de papel em Dolinsk. Além do petróleo, Sacalina é muito rica em minérios, carvão e madeira e se ressentida de o poder central só utilizá-la como fonte de recursos e área estratégica.

